

Plástico, como seria bom voltar no tempo e desinventá-lo

Categories : [Suzana Padua](#)

O plástico tem causado danos terríveis ao meio ambiente e à saúde humana. Em menos de 100 anos, quando iniciou-se seu uso em larga escala, o estrago tem sido avassalador e crescente. A vontade nesse, e em outros tantos exemplos danosos causados pela humanidade, é rebobinar o filme da história, até que se voltasse ao momento da invenção do plástico em 1907, feita por Leo Beekeland, para que pudéssemos alterar o destino. Imagino que nem ele e nem os cientistas que anos depois trabalharam no aprimoramento do plástico, o ganhador do Prêmio Nobel, [Hermann Staudinger](#), conhecido como o “pai da química dos polímeros”, e [Herman Mark](#), chamado de “pai da física dos polímeros”, imaginavam o estrago que causariam ao planeta com suas invenções. Na verdade, a culpa não é do plástico em si e nem de seus inventores, mas da irresponsabilidade dos que o usam em larga escala, já que hoje é vasta a evidência dos seus efeitos nefastos.

O plástico passou a ser utilizado em maior escala durante a segunda guerra mundial por conta da escassez de materiais comuns à época como metais e vidros. Em menos de 100 anos o plástico transformou o mundo e, infelizmente, na maioria dos casos não para melhor! O fato é que hoje estamos tão acostumados a facilidades que os utensílios plásticos nos propiciam, que nem imaginamos a vida sem ele. Em muitas situações ajudou e ajuda a resolver problemas sérios para a humanidade, mas na maioria dos casos seu uso é totalmente irresponsável pela falta de perspectivas de solucionar seus efeitos.

Por que resolvi escrever sobre isso? As notícias sobre danos causados por plásticos à fauna e ao ambiente se sucedem pelas redes sociais e outros meios de comunicação. São baleias, golfinhos, peixes, tartarugas, arraias que morrem ao ingerir plásticos ou por se atrelarem a detritos encontrados nos oceanos. Este é o resultado do acúmulo de lixo desproporcional jogado nos mares. Um [filme da National Geographic Ocean](#) afirma que são 8 milhões de metros cúbicos de plástico por ano jogados nos oceanos, o que equivale a cinco sacolas plásticas por cada metro e meio de toda a extensão da costa marinha do mundo. A entrevistada, Ellen MacArthur, sugere uma total mudança nos parâmetros de produção para que o plástico nunca se torne lixo. Para tal, é necessária uma mudança radical em todos os segmentos do processo produtivo, com o envolvimento dos principais *players* do cenário. Mas, o importante é que ela acredita ser possível.

Por toda a parte

"São muitos os rios gravemente contaminados por garrafas PET e outras embalagens, a exemplo do Rio Negro que banha Manaus. Em alguns trechos, a água nem é visível devido ao acúmulo de embalagens plásticas que flutuam na mesma água que é consumida pela população local"

O lixo nos oceanos está espalhado por toda parte, mas, devido a correntes marinhas, se aglutinou em duas porções, ambas no Oceano Pacífico e cada uma delas do tamanho dos Estados Unidos. Como o plástico praticamente não decompõe, acaba predominando nos cenários dos dejetos. Um terço do lixo doméstico é composto por embalagens e 80% delas é jogado fora depois de apenas um uso. [São 25 mil toneladas de embalagens por dia só no Brasil](#), o que equivale a 2.000 caminhões de lixo enfileirados numa extensão de 20 quilômetros.

O plástico descartado causa problemas graves. Mesmo sendo ultrapassados e até proibidos por lei, os lixões ainda estão presentes em 40% dos 5.570 municípios brasileiros. Com quase não se deteriora, o plástico causa a morte de animais que comem restos de alimentos ainda dentro de embalagens. Isso ocorre mesmo fora dos lixões. Filmes passados em locais de turismo na África mostram animais comendo nos lixos deixados pela atividade turística em parques nacionais.

Nos Estados Unidos, segundo dados da [Plastic Pollution Coalition](#), o consumo é de quase 88 mil toneladas de plástico por dia. Como o plástico vem do petróleo, apenas para produzir garrafas de água, são usados 17 milhões de barris de óleo por ano, e esta é a conta somente dos EUA. Essa quantidade de óleo seria o suficiente para fornecer combustível para um milhão de carros por ano. Segundo a Plastic Pollution Coalition, [há seis vezes mais pedaços de plástico nos oceanos do que vida marinha](#). Plástico compõe 90% do lixo marítimo e estima-se que há 46 mil pedaços de plástico para cada milha quadrada do oceano.

No Brasil, só [20% do plástico é reciclado](#). Não é apenas falta de vontade, mas de tecnologias adequadas que aproveitem os diferentes plásticos existentes e até a necessidade de se melhorar detalhes no design dos produtos descartados, para facilitar sua reciclagem. No cenário atual, grande parte do que consumimos acaba em locais inadequados como lixões, aterros e em cursos d'água que levam aos mares. São muitos os rios gravemente contaminados por garrafas PET e outras embalagens, a exemplo do Rio Negro que banha Manaus. Em alguns trechos, a água nem é visível devido ao acúmulo de embalagens plásticas que flutuam na mesma água que é consumida pela população local. Manaus tem abundância de água, mas de baixa qualidade.

Riscos

Em termos da saúde humana, dados mostram que o plástico causa toda sorte de enfermidades. Há elementos químicos no plástico (como o [BPA](#)) que, quando absorvidos pelo corpo humano, provocam danos ao sistema hormonal e endócrino, o que resulta em riscos cardíacos, câncer do cérebro, mama e próstata, doenças sexuais, puberdade precoce, infertilidade, diabetes e obesidade, entre outros males. E o que é pior, muito do que comemos vem embalado em plástico.

Informação sobre o assunto existe em abundância e está disponível para quem quiser. Todos deveriam mergulhar na busca de substitutos para o plástico, do fabricante ao consumidor. Deveria haver investimento em tecnologias que permitam a reciclabilidade do que é fabricado, trazendo

viabilidade econômica e soluções menos danosas ao ambiente e a nossa saúde.

São variadas as iniciativas de tentar minimizar os efeitos do desperdício. Mas, por mais louváveis, ainda são insignificantes diante do volume e da grandeza do problema que a própria humanidade criou. Recentemente, a Nike lançou um tênis fabricado com plástico reciclado advindo dos mares e outra [iniciativa de calçados feita com PET](#) também tem sido divulgada nas redes sociais. Outros exemplos de reutilização vem de pastilhas para recobrir paredes e até a construção de casas feitas com garrafas PET. Lindas iniciativas que merecem nossos aplausos. Dois surfistas inventaram um [balde que suga lixo](#) e é de fácil retirada, com intuito de limpar o mar que tanto amam. Outro caso é do jovem escocês, [Boyant Slat \(TED-X Boyant Slat\)](#), que criou um sistema de retirar lixo dos oceanos que ele garante que além de funcional seria lucrativo. O processo criado por Boyant baseia-se nas correntes marinhas e, por isso, as telas são colocadas de maneira a aproveitar o movimento das águas para coletar o plástico que circula.

Mas, para qualquer dessas iniciativas, fica a pergunta: para onde irá o lixo coletado? Se voltar para os oceanos todo trabalho será em vão.

Criatividade há, mas a questão é tão grave que merece uma mudança substancial em nossos sistemas de produção. Todos somos responsáveis pelo destino adequado, do fabricante ao distribuidor e consumidor, ou seja, toda a cadeia produtiva. Se levado a sério, o número de garrafas PET ou de embalagens de alimentos, cosméticos, brinquedos, e tantos outros itens de consumo tenderia a diminuir drasticamente, que é urgente. O ideal seria ir além de qualquer punição a quem não age corretamente, com recompensas financeiras e outros benefícios para favorecer aqueles que são ambientalmente responsáveis. Esse é um tema que mereceria encontros com setores múltiplos da sociedade para que pesquisadores, setor privado, governos e todos os envolvidos nas cadeias de produção e de consumo pudessem buscar saída para uma crise inusitada que começou sutilmente, mas adquire cada vez maior visibilidade.

Permanece a vontade de passar o filme da história ao revés até o ponto em que o plástico não era consumido em tão larga escala como agora . Mas, como é impossível, que a gente consiga aprender com os erros e também colocar nossa criatividade para resolvermos algo tão sério como o uso inapropriado e a disposição inadequada do plástico e outros resíduos, já que afetam tão negativamente a vida no planeta.

Obs. Agradeço as fontes variadas que consultei e a Nícia Mafra, Mestrando e profunda conhecedora dessa temática.

Leia também

<http://www.oeco.org.br/reportagens/poluentes-de-vida-curta-aumentam-nivel-do-mar/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/suzana-padua/o-mito-do-progresso/>